

## A gramática a serviço dos gêneros

Vânia Cristina Casseb-Galvão (UFG/CNPq)<sup>1</sup>

**RESUMO:** A partir da postulação de que a língua se constitui como evento de interação e como expressão de conteúdo, apresento diferentes dimensões da atividade interativa visíveis nos gêneros discursivos. A distinção das dimensões ideológica, enunciativa e pragmática, e das dimensões informacional, textual, seqüencial, semântica e gramatical ajuda na compreensão de diversos fenômenos gramaticais que permeiam a composição discursiva dos gêneros. Uma seqüência didático-avaliativa, abordando a temática do humor, com base nos gêneros artigo de opinião, piada e cartum exemplifica a abordagem proposta.

**ABSTRACT:** From the postulation that language is an event of interaction and expression of content, I present the different dimensions of interactive activity visible in the genres. Distinguishing ideological, pragmatic and expository dimensions, and informational, textual, sequential, semantic and grammar dimensions help to understanding of various grammatical phenomena that permeate the discourse of gender composition. A sequence-evaluative teaching about the thematic of humor, based on genres opinion article, joke and cartoon exemplifies this approach.

### 1. Introdução

Uma das premissas funcionalistas diz que a sintaxe se realiza via semântica e é acionada por motivações pragmáticas. Considerando-se que a pragmática é a dimensão que atualiza o contrato sociointeracional dos usuários da língua, que se atualiza via gêneros, pode-se dizer então que a gramática está a serviço dos gêneros discursivos. Outras premissas decorrentes dessa perspectiva estão relacionadas às ideias da fluidez lingüística, das motivações cognitivas para os usos da língua, da relação texto e contexto de uso, e da gramática codificar relações representacionais e relações interpessoais. Neves (2010, p. 11) diz que um texto “é sempre configurado em gênero, em vista de um propósito”. O desafio está no direcionamento dessa perspectiva para o universo do ensino, considerando que na imensidão do território brasileiro convivem diferentes concepções de ensino e de gramática, independentemente da recomendação dos Parâmetros oficiais nacionais de que o ensino deve se dar via gêneros (RAUBER, 2005). Para tentar contribuir para essa operacionalização, inicialmente, apresento algumas postulações teóricas que norteiam a propositura de uma seqüência didático-avaliativa que favoreça o desenvolvimento da competência discursiva do aluno, em seguida, esboço uma seqüência didático-avaliativa voltada para exercícios de análise lingüística indicados para o egresso do ensino médio e baseada na concepção de que a gramática da língua portuguesa está a serviço dos gêneros que a atualizam. Algumas premissas funcionalistas e as habilidades requeridas na prática escolar do ensino avaliada constituirão parâmetros para a proposta aqui esboçada. Os dados são constituídos de questões de vestibular e de concursos, constantes do banco de dados do Centro de Seleção da Universidade Federal de Goiás (UFG).

### 2. Pressuposto teóricos

Algumas premissas funcionalistas orientam as reflexões aqui materializadas:

- Na gramática das línguas, a sintaxe se realiza via semântica e é acionada por motivações pragmáticas.
- A pragmática é a dimensão que atualiza o contrato sociointeracional dos usuários da língua.

---

<sup>1</sup> vcasseb2@terra.com.br

- A língua se atualiza via gêneros discursivos, ou seja, o gênero é a esfera da atividade interativa.
- Logo, a gramática está a serviço dos gêneros discursivos.

Entenda-se gramática como a engrenagem que atualiza o contrato sociointeracional e, por isso, envolve dimensões que se estendem do componente discursivo ao componente estrutural da linguagem.

Tais postulações são úteis ao ensino de língua portuguesa no Brasil, pois os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são elaborados a partir da concepção de linguagem como atividade discursiva sócio, histórica e enunciativamente condicionada. Essa concepção dá ao gênero discursivo uma função primordial na atividade didática nacional.

Aos desavisados que acham a Teoria de Gêneros uma invenção contemporânea, há de se dizer que a ideia de que a língua se atualiza em gêneros não é recente e está na base de estudos de natureza funcionalista. A ênfase no locutor, da *Poética*, a ênfase no auditório, da *Retórica*, e a proposta originada no dialogismo bakhtiniano constituem uma linha de pensamento que tematiza a comunicação entre os indivíduos, em suas diversas formas de realização e consideradas as diferentes instâncias da organização social. Sendo assim, recorro a Neves (2010, p. 94), numa leitura de Bakhtin, para esclarecer a concepção de gênero que orienta as reflexões promovidas neste texto:

Sendo infinitas as potencialidades das formas de discurso (dos atos de fala), configura-se, pela língua, num sem número de campos sociais, uma diversidade de tipos de “enunciados”, que, entretanto, podem ser classificados em tipos relativamente estáveis, elaborados de acordo com cada esfera de troca social, ou seja, em cada esfera de utilização da língua. Já não se classificam apenas o épico, o lírico, o epidíctico, por exemplo, mas também são “gêneros do discurso” a conversação, a carta pessoal, a piada, a receita, a exposição científica etc.”

É um sujeito sócio-histórico e interacionalmente constituído que se mostra nos gêneros discursivos e não simplesmente um locutor, um falante. Dias ET AL (2011), ao discorrerem a respeito da opção entre a nomenclatura *gêneros textuais* e *gêneros discursivos* a ser aplicada ao ensino, mencionam os estudos de Chomsky, Van Dijk e Dell Hymes para mostrarem que a competência discursiva abrange outras competências derivadas da constituição social humana, como a competência linguística, a competência textual e a competência comunicativa. Pode-se, portanto, compreender aspectos importantes da complexidade humana a partir das pistas deixadas nas atividades discursivas. E, porque a língua é do Homem, para o Homem e atualizada pelo Homem, é, portanto, de se esperar que a linguagem revele essa complexidade a partir de diferentes dimensões da atividade discursiva. Assim, pode-se arrolar como desta decorrentes, a fluidez linguística, relacionada ao fato de a língua ser inacabada, dinâmica, estar em um constante fazer-se, e, portanto, cada ato discursivo ser único; o fato de a atualização linguística envolver um contrato comunicativo e a expressão de um conteúdo, e, portanto, a linguagem ser um evento de interação, interpessoal, mas também um evento informacional (Halliday, 1985, Halliday, 2004; Dik, 1989, 1997).

Além da função Textual (Halliday, 1985), que operacionaliza os componentes interpessoal e ideacional (representacional, informacional da linguagem), prevê-se a organização linguística a partir de subsistemas que estão a serviço da produção de efeitos de sentidos nos textos; os textos, por sua vez, têm uma organização intra e inter oracional que está a serviço da expressão de um conteúdo.

Minha reflexão vai ao encontro da resposta de Halliday (2004, p. 29), que, ao seu próprio questionamento a respeito das funções básicas da linguagem, sugere: i. dar sentido à nossa experiência; e, ii. permitir ao Homem atuar socialmente. A linguagem constrói experiências humanas. Em termos de Neves (2006, p. 32), isso envolve a crença “de que as línguas são organizadas em torno de dois significados principais: o ideacional ou reflexivo e o interpessoal ou ativo, duas metafunções que constituem as manifestações, no sistema lingüístico, dos dois propósitos mais gerais que fundamentam todos os usos da linguagem: entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal)”. Isto posto, entendo que a gramática das línguas atualiza essas duas macrofunções, visíveis no micro nível da organização discursiva (enunciativa).

Uma orientação decorrente dessa concepção prevê o reconhecimento de diferentes dimensões da organização linguístico-discursiva e pode auxiliar na operacionalização do ensino baseado na noção de gêneros, o que, conseqüentemente, também pode contemplar a demanda pelo desenvolvimento de competências diversas. É o que se pretende explicitar a seguir.

## **2.1 A língua como evento de interação: o componente interpessoal**

Para esse componente da organização linguística são previstas as operações decorrentes do caráter social da linguagem, que tem relação com os papéis do discurso, ou seja, com o uso da linguagem pelo indivíduo como um meio de participação do evento de fala. Esse é o domínio em que estão as manifestações pessoais e as relações passadas na interação. Proponho que o componente interpessoal pode ser analisado a partir de dois principais níveis da organização sócio-discursiva. O nível macro abrigaria as questões inerentes à constituição sócio-histórica do sujeito de linguagem e os discursos que permeiam os papéis sociais que ele exerce como entidade coletiva. O nível micro envolve um usuário da língua, com um repertório pragmático decorrente de uma competência comunicativa, desenvolvida no ambiente social, e que é acionada em contextos interacionais específicos. Isso significa reconhecer, pelo menos, três dimensões da organização interpessoal, configuradas a partir de determinados fenômenos da configuração discursiva, a saber:

- a) Dimensão ideológica: o papel social do gênero, sua funcionalidade. Os aspectos sócio-históricos relativos à sua produção. As questões de contexto de cultura. O processo de autoria. O gênero na macro-organização social. Voz de autoridade.
- b) Dimensão enunciativa: constituição das vozes enunciativas no contrato comunicativo estabelecido entre os interlocutores envolvidos no processo interativo.
- c) Dimensão pragmática: manifestação do falante a respeito do conteúdo do que enuncia; marcas de subjetividade e de intersubjetividade. Contexto situacional. Modo e modalidade. Empacotamento do conteúdo.

## **2.2 A língua como expressão de conteúdo: o componente representacional**

O componente representacional diz respeito à transformação das experiências humanas em significados contextualmente definidos; envolve as relações entre as expressões linguísticas e seu sentido, pois se relaciona à categorização de eventos do mundo extralinguístico em entidades linguísticas. O componente representacional é o lugar das experiências do mundo interno e externo ao falante. As dimensões visíveis nesse componente e os fenômenos a elas relacionados podem ser explicitados nos seguintes termos:

- a) Dimensão informacional: definição temática; temas derivados; seleção e constituição argumentativa; progressão temática.
- b) Dimensão textual: estabelecimento e recuperação de referentes. Coesão e coerência textuais. Relações interoracionais.
- c) Dimensão semântica: nível da palavra e da frase. Escolha lexical. Seleção de esquemas de predicados. Transitividade. Processos semânticos básicos.
- d) Dimensão seqüencial do gênero: tipos textuais predominantes. Constituição estrutural das seqüências textuais. Funcionalidade dessas seqüências para a composição enunciativa.
- e) Dimensão sintática (organizacional): relações intra oracionais. Ordenamento.

Na perspectiva de Halliday (1985), os níveis interpessoal e representacional são operacionalizados pela função textual. No entanto, já que estas reflexões são orientadas pela noção de competência discursiva, não distinguirei esse nível de análise. Os quesitos (b) e (d) acima, constitutivos do nível textual são reconhecidos como integrantes do nível do conteúdo. Postulo, portanto, uma metafunção discursiva.

Tratarei a seguir da aplicação dessas reflexões ao ensino de língua portuguesa no nível médio, numa metalinguagem adequada e a partir do enfoque nos fenômenos de linguagem específicos. Serão destacadas dimensões e habilidades que podem ser exploradas a partir de uma seqüência didático-avaliativa.

## **3. Seqüência didático-avaliativa**

A sequência avaliativa aqui exemplificada é indicada para o nível médio de ensino. A seleção textual segue a temática do humor. Essa escolha não é aleatória, mas, pressupõe que a escola seja um lugar de reflexão a cerca dos usos da língua e essa reflexão deve partir de temas leves, envolventes que acionem o melhor do estado de ânimo dos alunos. A temática do humor permeia o conteúdo dos textos e também a composição estrutural dos gêneros selecionados.

A ideia é provocar a sensibilidade do aluno para o fenômeno lingüístico a partir de uma experiência singular com o texto, haja vista que, o ideal é que a aula de língua portuguesa favoreça ao aluno a possibilidade de agir refletidamente, de enfrentar desafios, de discutir questões, de perceber a funcionalidade das escolhas lingüísticas promovidas nos textos. Para isso, o professor deve evitar atividades mecânicas, favorecer uma atividade de metalinguagem sem bloqueios, para que o aluno entre em contato com boas produções escritas, entre outras necessidades que devem ser satisfeitas na aula de língua portuguesa (NEVES, 2010, p. 172-173). Recorro a questões de avaliação em larga escala, constantes do banco de dados do Centro de Seleção da UFG para exemplificar a abordagem aqui proposta.

Foram selecionados gêneros de grande circulação na mídia cotidiana e, por isso, são acessíveis ao professor e ao aluno. São eles artigo de divulgação científica, piada e cartum. Na análise, apresento, de maneira geral, as características do gênero, destaco alguns aspectos das dimensões interpessoal e representacional sugeridos pelo texto, e explicito as habilidades requeridas dos alunos em cada um dos exercícios avaliativos.

As possibilidades de exploração didática desses gêneros são mostradas a partir de questões de concurso público para nível médio, avaliação de larga escala aplicada pelo Centro de Seleção da UFG, em 2011. Apresento a questão, as alternativas de respostas, o gabarito e a(s) habilidade(s) envolvida(s). Entendendo-se por habilidade o exercício cognitivo que subjaz à resolução da questão.

### 3.1 Artigo de divulgação científica

#### **Rir é o melhor remédio**

OUTRO DIA, li na revista americana "New Yorker" um artigo sobre o "guru do riso" que anda atraindo milhões de pessoas. Não, não se trata de um comediante famoso, e sim de Madan Kataria, médico indiano de Mumbai que desenvolveu técnicas para induzir o riso nas pessoas.

Segundo Kataria, o riso faz bem, tanto à saúde física quanto à psicológica. Seu movimento vem se espalhando pelo mundo e atrai muitas celebridades. Recentemente, Kataria apareceu no palco dos estúdios da Sony Pictures, em Los Angeles, ao lado da atriz Goldie Hawn.

Quem entender um pouquinho de inglês pode ver vídeos do médico em ação em [laughteryoga.org](http://laughteryoga.org). Eu assisti e ri muito. Existe algo de contagioso no riso, mesmo quando começa forçado. E logo deixa de ser. Será que o riso pode melhorar sua saúde? Quem não acredita que rir só faz bem (quando não é malicioso, claro)? Se não gostássemos de rir, comédias não existiriam.

Arthur Koestler, em seu livro "O Ato da Criação", argumenta que humor e criatividade têm muito em comum. Numa boa piada, existe uma ruptura lógica, um ponto em que a narrativa toma um rumo inesperado. É aí que rimos. Todo mundo sabe que piada explicada não é engraçada.

Koestler diz que esse ponto de ruptura surge na criação, quando uma visão nova e inesperada surge dos recessos do inconsciente. Sabemos muito pouco sobre criatividade e riso. As ideias de Koestler deveriam ser mais exploradas.

Vários estudos vêm tentando quantificar os benefícios médicos do riso. Se a depressão e a tristeza podem afetar negativamente o sistema imunológico, parece razoável que o riso possa ajudá-lo. Porém, de modo geral, os resultados desses estudos são contraditórios. Alguns dizem que o riso é mesmo bom para a saúde. Outros, que não faz diferença. Talvez os resultados ambíguos venham do tamanho relativamente pequeno dos estudos, ou porque em alguns deles o riso é induzido a partir de comédias na TV, como "O Gordo e o Magro" e "Abbot & Costello".

O assunto é fascinante o suficiente para merecer estudos mais detalhados. Qual a diferença entre o riso dos humanos e o dos gorilas, que riem quando sentem cócegas? Será que rir de uma piada pode ser usado como teste de inteligência em computadores? Semana passada perguntei se máquinas podem se apaixonar. Será que podem rir? Ou melhor, ter senso de humor?

Robert Provine, neurocientista da Universidade de Maryland, que realizou estudos baseados na observação de pessoas em situações sociais, escreveu: "A melhoria da saúde a partir do riso permanece uma meta

inatingida, mesmo que extremamente desejável e viável". Existem muitos tipos de riso, alguns relacionados com a comunicação entre dois ou mais humanos, outros fisiológicos, quando sentimos cócegas. Quando falei no assunto com leitores aqui nos EUA, recebi várias mensagens, algumas de pessoas com câncer, relatando como o bom humor faz com que se sintam melhor. [Fragmento]

GLEISER, Marcelo. Disponível em: <www.marcelogleiser.blogspot.com>. Acesso em 15 fev. 2011.

a) Características do gênero:

De natureza persuasivo-argumentativa, o gênero artigo de divulgação científica caracteriza-se por apresentar temas de natureza científica a um público não especializado.

Do artigo de divulgação científica "Rir é o melhor remédio", destaco entre as dimensões discursivas passíveis de serem exploradas em sala de aula, as seguintes:

1. Do texto como evento de interação: o contrato interlocutivo; a identificação do gênero; a constituição enunciativa do gênero (locutor e interlocutor; dêixis, tempo, espaço, e pessoa); a funcionalidade do gênero e os aspectos ideológicos e sócio-históricos de sua constituição.

Mais especificamente, podem ser exploradas as características do interlocutor e os aspectos lingüísticos que o revelam: interlocutor universal, não referencial, não individualizado; os aspectos lingüísticos que o identificam: ausência de marca de pessoa; interlocução pressuposta: "Não, não se trata de um comediante famoso", etc.

2. Do texto como expressão de conteúdo: a definição temática; a seleção e a constituição argumentativa; a progressão temática. A composição estrutural do gênero: tipos de textos predominantes.

Mais especificamente, pode-se trabalhar com a identificação de argumentos; com a análise de que as informações centrais constituírem sequências argumentativas e as informações periféricas, sequências narrativas.

As questões de 01 a 05 exemplificam possibilidades de exploração do texto "Rir é o melhor remédio".

### — QUESTÃO 01 —

A temática se desenvolve a partir de um argumento principal. Que argumento é esse?

- (A) O riso é contagioso.
- (B) O riso pode ser induzido.
- (C) O riso faz bem.
- (D) O riso tem motivações diversas.

### GABARITO: C

**Habilidade:** Identificar e estabelecer o tema na construção dos sentidos nos textos.

### — QUESTÃO 02 —

O texto é do gênero divulgação científica. Que fator atribui cientificidade aos argumentos de Marcelo Gleiser?

- (A) A explicação do modo de constituição do humor na citação de Koestler.
- (B) A menção ao fato de Madan Kataria ter aparecido na televisão.
- (C) A presença de vídeos das ações de Madan Kataria na internet.
- (D) As mensagens de pessoas com câncer a Marcelo Gleiser.

**GABARITO: A**

**Habilidade:** Construir sentidos, apoiando-se em conhecimentos prévios sobre gêneros, suas características linguísticas e discursivas, e sua forma de circulação.

**— QUESTÃO 03 —**

No antepenúltimo parágrafo do texto de Marcelo Gleiser, as interrogações sugerem

- (A) respostas do leitor com base em seu conhecimento de mundo.
- (B) questionamentos de impossível solução.
- (C) estratégias retóricas de fim estilístico.
- (D) possíveis desdobramentos do tema.

**GABARITO: D**

**Habilidade:** Identificar o tema e seu desdobramento no estabelecimento da progressão temática.

**— QUESTÃO 04 —**

O texto apresenta uma relação entre humor e criatividade. Que fator explicita essa relação?

- (A) Surpresa.
- (B) Ineditismo.
- (C) Surrealismo.
- (D) Fascinação

**GABARITO: A**

**Habilidade:** Fazer inferências para dar sentido a enunciados lingüísticos, relacionar e sintetizar informações no processo de interpretação de textos.

**— QUESTÃO 05 —**

No trecho, Quem entender um pouquinho de inglês pode ver vídeos do médico em ação em *laughteryoga.org*, o elemento sublinhado

- (A) tem função interrogativa.
- (B) faz uma referência genérica.
- (C) diz respeito aos falantes nativos de inglês.
- (D) recupera um referente já instaurado no texto.

**Habilidade:** Explicitar relações de coesão e coerência no texto a partir de recursos lingüísticos adequados, possibilitando a recuperação da referência por parte do interlocutor.

**3.2 Gênero piada**

Uma garotinha se recusava a entrar numa casa porque os donos tinham um cachorro:

- Não tenha medo – disseram eles. – Ele não vai mordê-la, pois já a conhece.

- Ah, é? – retrucou ela. – Então mande-o dizer o meu nome.

*Seleções*. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil. Fev. 2011, p. 95.

a) Características do gênero:

A piada é um gênero da ordem do narrar. Trata-se de uma narrativa curta e o clímax da narrativa ocorre quando há uma ruptura lógica e o enredo toma um rumo inesperado. Essa quebra na articulação entre as ideias gera um efeito de humor, provocando riso.

Destaco as seguintes dimensões discursivas passíveis de serem exploradas a partir da piada acima:

1. Do texto como evento de interação: condições de produção;

2. Do texto como expressão de conteúdo: desenvolvimento temático; constituição sequencial; progressão temática; vozes enunciativas.

As questões de 06 a 08 exemplificam algumas possibilidades de exploração da piada reproduzida em 3.2.

— **QUESTÃO 06** —

Que exercício lógico foi quebrado e favoreceu o efeito de humor na piada?

- (A) O subentendido de que somente os donos podem autorizar a entrada na casa.
- (B) O pressuposto de que uma pessoa conhecida é chamada pelo seu nome.
- (C) A inferência de que cachorros ensinados obedecem fielmente aos seus donos.
- (D) A dedução de que a menina era desconhecida pelo animal.

**GABARITO: B**

**Habilidades:** Compreender e promover operações semânticas básicas (pressupostos). Interpretar textos, considerando-se a relevância das partes em relação ao tema e aos propósitos textuais e à continuidade temática.

— **QUESTÃO 07** —

Na piada, além do travessão, que marca lingüística ajuda a instaurar o discurso direto?

- (A) O verbo *recusar* no passado.
- (B) O emprego de *entrar* em sua forma infinitiva.
- (C) O uso dos verbos *ter* e *mandar* no modo imperativo.
- (D) O emprego das formas pronominais *ela* e *ele*.

**GABARITO: C**

**Habilidade:** Demonstrar conhecimento sobre o funcionamento da língua e dos elementos de natureza lexical na promoção dos efeitos de sentido nos textos.

### — QUESTÃO 08 —

Quanto à constituição das vozes enunciativas, o verbo *retrucar*, na piada, caracteriza

- (A) o modo de realização do enunciado.
- (B) a origem do conteúdo enunciado.
- (C) o valor de verdade do conteúdo enunciado.
- (D) a autoridade do enunciador.

**GABARITO: A**

Habilidade: Analisar estratégias de composição enunciativa, e de posicionamento dos enunciadores para compor a cena no texto.

### 3.3 Gênero Cartum



Disponível em: <[fifteenyears.blogspot.com](http://fifteenyears.blogspot.com)>. Acesso em: 25 fev. 2011.

A partir de Davidson (1996 *apud* Roberto, 2005), pode-se definir o gênero cartum como um texto de composição verbal e não verbal que se caracteriza por apresentar uma cena do cotidiano das pessoas sob uma ótica cômica, satírica.

As questões de 09 a 11 exemplificam possibilidades de exploração do cartum acima. Entre as quais destaco: composição não verbal; sequenciação discursiva; escolhas lexicais; relação entre a composição verbal e a não verbal; suporte de gênero.

### — QUESTÃO 09 —



A quebra na sequência discursiva gera o efeito de humor no cartum. Esse efeito é promovido pela

- (A) impossibilidade de diálogo entre a máquina e as personagens.
- (B) linguagem informal usada pelas personagens.
- (C) composição visual das personagens.
- (D) interpretação equivocada do texto pela personagem.

**GABARITO: D**

**Habilidades:** Promover inferências para dar sentido a enunciados verbais e não-verbais. Refletir sobre valores, ideologias e preconceitos que perpassam os enunciados.

**— QUESTÃO 10 —**

Máquinas funcionam como suporte para diferentes gêneros discursivos. No caixa eletrônico da charge, há a realização do gênero

- (A) instrucional.
- (B) expositivo.
- (C) narrativo.
- (D) argumentativo.

**GABARITO: A**

**Habilidade:** Demonstrar conhecimento a respeito da composição sequencial dos gêneros, considerando o seu papel social e o seu modo de circulação.

**— QUESTÃO 11 —**

Considerando-se a multiplicidade de sentido das formas lingüísticas, no texto, *agora* expressa

- (A) instantaneidade.
- (B) sequenciação.
- (C) espontaneidade.
- (D) oposição.

**GABARITO: B**

**Habilidade:** analisar elementos lingüísticos, lexicais e operadores discursivos, ajustando-os às circunstâncias, formalidades e propósitos do texto.

**— QUESTÃO 12 —**

A referência ao caixa eletrônico como “a bicha” ajuda a demonstrar

- (A) a falta de intimidade da personagem com o serviço oferecido pelo banco.
- (B) o desprendimento da personagem em relação às atividades eletrônicas.

- (C) a voz de autoridade da personagem em relação à sua companheira.
- (D) o descaso da personagem com os recursos das novas tecnologias.

#### **GABARITO: A**

**Habilidades:** analisar as escolhas lexicais e a funcionalidade dessas escolhas para a promoção de sentidos e para o estabelecimento dos propósitos relativos ao texto.

#### **4. Considerações finais**

Apresentei um exemplo de que o ensino calcado na teoria de gêneros é uma orientação viável e rica para o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa. Diferentes dimensões e fenômenos da constituição gramatical e discursiva da língua portuguesa foram contemplados a partir de sua funcionalidade para a produção de sentido nos textos. É importante lembrar, no entanto, que o professor, principal implementador dessa proposta, precisa ter razoável conhecimento a respeito do funcionamento da língua, dos discursos que permeiam a sociedade e do papel dos textos na divulgação desses discursos. Caso contrário, ele pode cair na tentação de ver os gêneros como depositários de regras da gramática tradicional normativa, e não como plataforma onde as estruturas lingüísticas cooperam funcionalmente para a constituição textual.

#### **Referências bibliográficas**

DIAS, Eliana, et al. A contribuição do livro didático para o processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa nas escolas brasileiras. In: *Polifonia*. Periódico do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem do Instituto de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso. Ano 17, No 21. Cuiabá: Editora Universitária, 2011, p. 133-149.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar - Part 1, 2: Complex and derived constructions*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

\_\_\_\_\_. *The theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Hodder Education, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

RAUBER, André Luis. *Interdisciplinaridade e princípios funcionalistas no ensino de língua portuguesa: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2005.

ROBERTO, Maria Leda R. *Flagrantes do cotidiano: um estudo sobre cartum e crônica*. In: Mello, D. E. W. (org). *Gêneros textuais*. Ijuí: UNIJAI, 2005.